

O modo artístico de revolução: da gentrificação à ocupação¹

Martha Rosler²

© 2012 e-flux e Martha Rosler

Embora extremamente importante, uma discussão sobre as lutas, êxodos e reapropriações do trabalho cognitivo especialmente no campo das artes visuais e, especialmente, quando tidas como a linha de frente da "classe criativa", é superada pela generalização mundial das manifestações públicas e das ocupações do ano passado, desse ano, e talvez do próximo. Eu gostaria de revisitar a tese da classe criativa que eu tenho explorado aqui³ em uma recente série de ensaios visando estruturar minhas percepções à luz dessas ocupações, a fim de fazer algumas observações sobre a relação entre os artistas, o posicionamento da classe criativa e o movimento Occupy.

Mesmo antes da "multidão" se tornar um marco comum para os sonhos de revolução, em 1999, Seattle ganhou fama quando os protestos anti-corporativos reuniram ambientalistas e ativistas comunitários com forças de trabalho organizadas para bloquear uma reunião da Organização Mundial do Comércio – um cenário que se repetiu em vários lugares em vários países desde então⁴. Não é novidade que os processos que ocorrem sob o termo de globalização – que visam os fluxos de capitais, bens e trabalho – criam uma unidade que nem sempre serve aos interesses do capital ou dos capitalistas.

Canalizando Marx, Nouriel Roubini escreveu em "A Instabilidade da Desigualdade" que "o capitalismo desregulado pode levar a ataques regulares de excesso de capacidade, baixo consumo e à recorrência de crises financeiras destrutivas, alimentadas por bolhas de crédito e preços de ativos e de crescimento."⁵.

Roubini afirma que o capitalismo tende a colapsos catastróficos: nada de novo até aqui. Mas

¹Esse artigo é uma versão expandida da palestra apresentada em "Trabalho da Multidão? A Economia Política da Criatividade Social", uma conferência organizada pela Universidade Free/Slow de Varsóvia, e que aconteceu naquela universidade entre 20 e 22 de Outubro de 2011, apenas um mês após o movimento Occupy ter começado. Esse artigo recebeu as importantes contribuições de Stephen Squibb, em comentários e discussões.

² Tradução de Barbara Szaniecki e Cristina Ribas.

³ Este artigo faz parte de uma série de artigos publicados pela autora na mesma plataforma E-flux. (nota das tradutoras)

⁴ O movimento geralmente etiquetado como anti-globalização é mais apropriadamente reconhecido pelos seus membros e simpatizantes como movimento "alter-globalização" ou alguma variante do termo e é anti-corporativo mais do que anti-globalização, embora a globalização seja um termo derivado de seus entusiastas. Ver a discussão de Theodore Levitt abaixo.

⁵ Ver artigos de Nouriel Roubini. No post que data de 14 de outubro de 2011, ele começa aludindo a "turbulência social e política e instabilidade em todo o mundo, com massas de pessoas nas ruas reais e virtuais": "a Primavera Árabe; tumultos em Londres, de classe média de Israel protestos contra a alta dos preços da habitação e um aperto inflacionário sobre os padrões de vida, protestos de estudantes chilenos, a destruição na Alemanha dos carros de luxo dos 'gatos gordos'; movimento da Índia contra a corrupção; infelicidade crescente com a corrupção e a desigualdade na China; e agora o 'Occupy movimento de Wall Street', em Nova York e em todos os Estados Unidos".

a questão é que o neoliberalismo e sua financeirização desenfreada criaram um capitalismo que consome seu modelo anterior. Roubini segue em frente lembrando seus leitores que, mesmo antes da Grande Depressão, a burguesia esclarecida percebeu que a proteção ao trabalhador é um sistema redistributivo que fornece "bens públicos tais como educação, saúde e uma rede de segurança social" necessários para evitar a revolução.⁶ Roubini salienta em seguida que o Estado de bem estar social moderno (*welfare state*) nasceu de uma necessidade no pós-Depressão de uma estabilização macroeconômica que exigia "a manutenção de uma grande classe média, ampliando a oferta de bens públicos por meio da tributação progressiva e fomentando oportunidades econômicas para todos"; mas tudo isto foi abaixo durante a desregulamentação maciça de Reagan-Thatcher, que Roubini – que não é sequer marxista – fareja em parte "nas falhas no modelo de bem-estar social europeu... refletido em bocejantes déficits fiscais, na eliminação da regulamentação e em falta de dinamismo econômico." (Ibidem) ⁷

Diferentemente da maioria, Roubini proclama o fracasso deste "modelo econômico anglo-americano" de abraçar políticas econômicas que aumentam a desigualdade e criam um fosso entre rendas e aspirações. Políticas que, ao liberar o crédito ao consumo, fazem aumentar a dívida do consumidor assim como a dívida pública por causa da diminuição das receitas fiscais, e tudo isso seguido por medidas de austeridade contraproducentes. É exatamente este o modelo financeiro que tomou conta da imaginação e dirigiu as políticas das elites do ex-bloco do Leste. Muitas delas (como por exemplo a Letônia)⁸, ao implementar as medidas de austeridade prescritas, estão destruindo suas classes médias do presente e do futuro, exatamente como a Grã-Bretanha neo-

⁶ Eu abordo esta questão em um ensaio de 1981 sobre fotografia documental ("dentro, ao redor e depois: reflexões em fotografia documental"). Apontava que as imagens ideológicas foram empregadas nos Estados Unidos, durante a Grande Depressão, para mobilizar apoio para os mais pobres sob a administração de Roosevelt, com o entendimento de que aliviar o sofrimento seria evitar revolta.

⁷ Estou usando Roubini aqui como uma figura conveniente, uma vez que se poderia citar alguns outros economistas, particularmente Joseph Stiglitz, Dean Baker e Paul Krugman, do New York Times, ou Simon Johnson, ex-economista-chefe do FMI, para delinear os medos da esquerda-liberal dos economistas ocidentais.

⁸ Letônia, um pequeno país do Báltico que (como os outros dois países bálticos, Estônia e Lituânia) se libertou da União Soviética em colapso no início de 1990, é até agora o exemplo mais nítido dessa síndrome, também se pode citar a Irlanda e, possivelmente, a Grécia, Espanha e Portugal, no próximo ano, todos os que estão em contraste com o curso da Islândia (a menor economia de todos eles, mas não um membro da zona do euro) que prontamente rejeitou quaisquer condições impostas pelos organismos financeiros internacionais e, ao contrário, deu calote em sua própria dívida e perseguiu seus principais banqueiros por fraude criminal. No início de 2000, o governo de centro-direita da Letônia instituiu medidas neoliberais agressivas, em grande parte para se juntar ao euro e escapar do domínio da Rússia. Após a crise financeira de 2008 -, a Letônia experimentou o declínio financeiro mais precipitada de qualquer nação, perdendo cerca de um quarto do seu PIB em 2 anos. Seu governo, então, aplicou austeridade fiscal rigorosa, inclusive cortando pensões e salários. A classe média nascente, em uma história familiar, tinham sido induzida a comprar casas a crédito barato, mas esta dívida hipotecária (devida em grande parte a bancos suecos e alemães) não pode ser reembolsada, enquanto os valores de propriedade também caíram. As medidas de austeridade não conseguiram melhorar os balanços da Letônia, mas reduziu a classe média, para não mencionar os pobres, ao modo de subsistência ou à emigração. Dezenas de milhares de letões foram embora e a taxa de desemprego está em ou acima de 20 por cento. A referência a partir de 2010 é <http://www.counterpunch.org/2010/02/15/latvia-s-road-to-serfdom/> e, a partir de 2011: →. No entanto, como a Irlanda, a Letônia é bizarramente saudada como um exemplo bem sucedido de orçamento de austeridade. (Krugman escreve: "Mais alguns sucessos como este e Letônia estará de volta à Idade da Pedra").

Thatcheriana⁹.

Nos Estados Unidos, o Citibank, que exigiu dois resgates do governo americano após a crise financeira de 2008, publicou recordes de lucros trimestrais no valor de 3,8 bilhões de dólares no outono de 2011, que correspondem a um aumento de 74% em relação ao trimestre anterior, enquanto seu diretor, Vikram Pandit, expressou sua simpatia aos manifestantes do Occupy Wall Street e propôs um encontro com eles.

Inspiradas nos levantes no mundo árabe em 2011, as ocupações em curso no mundo inteiro são movidas pela frustração de jovens de classe média educados – no caso árabe, trata-se de classes médias razoavelmente novas – que enfrentam sociedades controladas por elites extremamente ricas mas que têm pouca esperança num futuro seguro para si apesar de seus estudos universitários. Trata-se de sociedades que não fizeram nenhum esforço para criar Estados modernos de bem-estar ou mesmo neoliberais, nem para controlar a corrupção, a indiferença burocrática e o nepotismo flagrante, nem para instituir mais do que uma aparência de governança democrática. Manifestantes no mundo desenvolvido sabem que estão compartilhando condições que são funcionalmente semelhantes.¹⁰

Esses protestos – assim como as mobilizações ocorridas na França em 2006, onde se viu largamente uma mobilização contra a "precarização", assim como as revoltas posteriores nas periferias de Paris ou na Inglaterra em agosto de 2011 – também refletem a ira de jovens de classe operária, especialmente a sua raiva contra a violência policial racista. No caso inglês, esses jovens estavam nas ruas destruindo e saqueando junto com os jovens da classe média. Alguns desse último

⁹ A Comissão Européia votou em 2011 no "pacote de seis", um conjunto de medidas que substituiu as habilidades de membros de estados para controlar seus orçamentos, reinstituindo o limite do Tratado de Maastricht de 3% sobre os déficits e 60% do PIB em dívidas, além da cobrança de grandes multas, entre outras penalidades. Segundo a economista Susan George, a Comissão também está construindo uma mudança na proteção dos trabalhadores levando a longas semanas de trabalho, salários mais baixos e, posteriormente, a aposentadoria tardia. A situação em relação à Grécia (que terá monitores da CE locais para impor medidas de austeridade) ainda em desenvolvimento mostra a direção anti-trabalho, uma característica do neoliberalismo, dos governantes financeiros europeus.

¹⁰ Apesar dos protestos da Europa Ocidental em resposta a um futuro sem perspectivas tais como os indignados ou encampados na Espanha e as muitas manifestações na Praça Sintagma na Grécia que constituíram exemplos críticos e apesar da revolta na Tunísia que acabou sendo pelo menos em parte bem sucedida, a escala e sucesso improvável da ocupação na Praça Tahrir no Cairo se tornou a pedra de toque para o movimento, e assim permanece, independentemente de seus objetivos ainda não cumpridos, em reconhecimento do seu papel, ocupantes veteranos da Praça Tahrir, enviaram uma mensagem ao Occupy Wall Street: "A crise atual na América e na Europa ocidental começou, para você também, a trazer esta realidade para casa: do jeito como as coisas estão, todos irão trabalhar duro, as costas quebradas pelas dívidas pessoais e austeridade pública. Não satisfeito com a eliminação dos restos da esfera pública e do bem-estar social, o capitalismo e o estado de austeridade agora mesmo ataca a esfera privada e direito das pessoas à moradia decente com milhares de proprietários hipotecados encontram-se simultaneamente sem casa em dívida com os bancos que os levaram para as ruas. Então, nós estamos com vocês não apenas em suas tentativas de derrubar o antigo, como para experimentar o novo. Não estamos protestando. Quem está lá para protestar? O que poderíamos pedir-lhes que eles poderiam conceder? Estamos ocupando. Estamos reivindicando esses mesmos espaços de prática pública que foram mercantilizados, privatizados e trancados nas mãos da burocracia sem rosto, carteiras imobiliárias e "proteção" policial. Guardem esses espaços, alimentem-nos e deixem crescer os limites de suas ocupações. Afinal, quem construiu estes parques, essas praças, prédios? Trabalho que os fez reais e habitáveis? Por que deveria parecer tão natural que sejam policiados e disciplinados? Recuperar estes espaços e gerenciá-los de forma justa e coletivamente é prova suficiente da nossa legitimidade.

grupo haviam se mobilizado meses antes – como os jovens chilenos estão fazendo ainda – em grande parte por conta dos aumentos esmagadores das mensalidades escolares que foram impulsionados pela coalizão conservadores/liberais democratas no governo. Os protestos desses grupos, dessas classes, foram disparados pelo reconhecimento de que provavelmente não há trabalho garantido para eles, ou talvez emprego algum.

Mas a precarização não é uma consequência necessária de alguma forma particular de trabalho.

A precarização agora se soma à mecanização (substituição de trabalhadores por máquinas), à deslocalização (busca mundial do capital pela mais *fraca* regulamentação de trabalho e de meio ambiente) e à financeirização (manutenção do valor excedente no mercado de ações sem oposição à mais-valia extraída de fabricação) como uma das grandes estratégias utilizadas para recuperar a lucratividade desde os anos 1960. Estas estratégias suplementam assaltos mais amplamente observados ao Estado de bem-estar social e direitos do trabalhador (MARAZZI, 2011). Muitos dos estudantes e jovens diplomados que protestavam, por sua vez, vinham se preparando para empregos naquelas que temos chamado de indústrias do conhecimento, ou, mais recentemente, de indústrias criativas, que é um ramo da primeira.

Universidade como motor, modos de vida em estilo de vida

Deixe-me voltar um pouco para trás, ou seja, para a consolidação deste setor na aurora da era da informação no início da década de 1960. Clark Kerr, economista do trabalho, primeiro reitor do campus elitista de Berkeley na Universidade da Califórnia e então presidente de todo o sistema UC, viu a universidade como um local para a produção de trabalhadores do conhecimento. Em 1960, ele supervisionou a criação de um Plano Diretor de crescimento para o século 21 que harmonizava as instituições públicas de ensino superior e as organizou em três níveis: universidades de pesquisa, universidades estaduais e "*junior colleges*" de dois anos (rebatizados como "faculdades comunitárias"). Esse plano de referência reconheceu a necessidade de unificar a formação e a administração de todo o setor do conhecimento, das elites para as classes trabalhadoras, em um mundo politicamente dividido. Kerr chamou a universidade de "instrumento privilegiado de propósito nacional" e imaginou que a "indústria do conhecimento" (termo que cunhou) superaria eventualmente as indústrias em torno dos novos meios de transporte – estradas de ferro no século 19 e automóveis no século 20 – na unificação da nação, atuando como se um astro econômico e servindo como motor da dominação dos EUA sobre o resto do mundo.

O movimento fundamental de protesto estudantil dos anos 1960 – o Movimento pela Liberdade de Expressão em Berkeley – foi provocado em parte pelas políticas educacionais e de gestão assim como pelos objetivos de Kerr. Foi um movimento de um setor de liderança da classe

média que estava destinado a se tornar a classe de trabalhadores de elite das novas indústrias do conhecimento, senão seus próprios líderes. Ironicamente, hoje o sistema de UC está praticamente quebrado, confirmando o uso dos *campi* universitários pelo dicionário da Apple como exemplo para definir “termômetro”: “os *campi* universitários são muitas vezes o termômetro da mudança”.¹¹

Em contraste, a subcultura punk britânica da década de 1970 foi, sem dúvida, uma respostada classe trabalhadora a um futuro limitado, apesar de ser parcialmente direcionada para escolas de arte que, em qualquer caso, foram inovadores repositórios experimentais para desajustados da classe trabalhadora. Como Dick Hebdige descreveu,

Apesar das garantias de confiança por parte tanto de políticos trabalhistas quanto de conservadores de que "nunca estivemos tão bem", a classe se recusou a desaparecer. As formas nas quais a classe era vivida, as formas nas quais a experiência de classe encontrava expressão na cultura, mudaram drasticamente. O advento dos meios de comunicação de massa, as mudanças na constituição da família, na organização da escola e do trabalho, transformações no status relativo de trabalho e de lazer, tudo serviu para fragmentar e polarizar a comunidade da classe operária, produzindo uma série de discursos marginais dentro dos limites gerais da experiência de classe (HEBDIGE, 1979, p. 78).

O punk era antimeradoria e anticorporação, e seguiu uma tática de “enfeimento” e automutilação, uma resposta *foda-se!* à cultura burguesa; o fato de que ele foi rapidamente mercantilizado e fortemente promovido na indústria da música não era a questão central... Até que, pelo menos, essa se tornou central. Para as gerações pós-1970, políticas de estilo de vida tornaram-se quase indistinguíveis tanto da política quanto da vida cotidiana, e esse quadro de referência já se espalhou mundo afora.

Na verdade, o estilo de vida tem sido intensamente desenvolvido como um ponto importante para a comercialização de bens de consumo. Em análises de marketing do estilo de vida oferecidas em 1984 (quando o pensamento era novo), Theodore Levitt, professor de administração de empresas e marketing de Harvard, comentou sobre o fracasso da empresa Hoover em vender máquinas de lavar na Europa: "Perguntava-se às pessoas que funções elas gostariam de ter em sua máquina de lavar roupa ao invés de perguntar o que elas queriam da vida" (LEVITT, 1984, p. 13)¹². É creditado a Levitt, editor da Harvard Business Review, a popularização do termo "globalização".

¹¹ O New Oxford American Dictionary vem instalado em computadores da Apple que usam a versão OS X desde 2005.

¹² Ao distinguir o que ele considera um arranjo multinacional de um global, Levitt escreve: "O caso da Hoover ilustra como a prática perversa do conceito de marketing e a ausência de qualquer tipo de imaginação de marketing deixou atitudes de multinacionais sobreviverem quando os clientes realmente querem os benefícios da padronização global. O projeto todo começou com o pé errado. Ele perguntou às pessoas quais características elas queriam em uma máquina de lavar roupa, ao invés de o que queria da vida. Vender uma linha de produtos adaptados individualmente a cada nação é impensável. Gerentes que se orgulhavam de praticar o conceito de marketing ao máximo não o praticaram de fato. Hoover fez as perguntas erradas, para em seguida não aplicar nem o pensamento nem a imaginação para as respostas "Theodore Levitt," a globalização dos mercados, "The McKinsey Quarterly" (Verão 1984).

Em *A Imaginação do Marketing*, seu best-seller de 1983, Levitt indicou que, como resultado da expansão mundial da mídia, os Estados Unidos estavam em uma posição ímpar para comercializar suas mercadorias em todos os lugares, elevando seus denominados bens “*high touch*” – jeans e Coca-Cola – ao lado de bens de alta tecnologia (e, integralmente, junto com eles, o americanismo e o idioma inglês) ao patamar de bens mais cobiçados do mundo.

“Uma força poderosa impulsiona o mundo na direção de uma comunhão convergente, e essa força é a tecnologia ... Quase todo mundo, em todos os lugares, quer todas as coisas que eles tenham ouvido falar sobre, visto ou experimentado através das novas tecnologias.”

Em suma, sem nomeá-la, mas simplesmente colocando-a sob a regra da “*imaginação*”, Levitt define a nova chave para o domínio do marketing como uma subordinação no atacado das reivindicações de um produto racional à modelagem psicológica criada por Bernay e universalizada, que é a base do marketing de estilo de vida. Levitt se refere à homogeneização como meio tanto quanto como resultado da globalização.¹³ Ele diferencia as multinacionais das corporações globais “*forward thinking*”, que, segundo ele,

“vendem da mesma maneira em todo e qualquer lugar produtos padronizados – automóveis, aço, produtos químicos, petróleo, cimento, produtos e equipamentos agrícolas, construções industriais e comerciais, serviços de bancos e seguros, computadores, semicondutores, transportes, instrumentos eletrônicos, produtos farmacêuticos e de telecomunicações, para mencionar apenas alguns dos mais óbvios.”

Ao longo de trinta anos, colocamos muitas dessas categorias na matriz bastante atrapalhada de Levitt sob a rubrica das indústrias do conhecimento, incluindo a gestão da produção industrial fordista (de “automóveis, aço, produtos químicos, petróleo, cimento, produtos e equipamentos agrícolas, construções industriais e comerciais, serviços de bancos e seguros, computadores, semicondutores, transportes, instrumentos eletrônicos, produtos farmacêuticos”). Ao longo de trinta anos, as políticas de estilo de vida, tão unificadoras quanto diferenciadoras, ajudam a determinar como vivemos ou como devemos viver. As pessoas formam alianças baseadas no gosto, sobretudo através do tribalismo da aparência-como-identidade. Aglomerações de estilos de vida mercantilizadas incluem não apenas bens, mas pessoas, crianças, conquistas pessoais, e elas tendem a ser caras para serem adquiridas e mantidas. O punk agora é outra opção de estilo de vida, ainda que urbana e romântica. Junto com o Gótico e outros modos de vida associados com o East Village de Nova York, o punk também fornece o uniforme preferido dos descontentes dos subúrbios e das

¹³ No homogeneizante mercado mundial, certos bens tais como pizza, tacos, bagels e tornam-se significantes quase universais da diferença.

pequenas cidades shopping-moradia, enquanto o estilo hip-hop do Bronx (“*Bronxish*”), que é popular no mundo inteiro, exerce a mesma função para a classe trabalhadora “de cor”¹⁴. Nesta taxonomia, “*hipsterism*” é o estilo de vida de figuras tipo-artista – o triunfo da superfície sobre a substância – e é uma conseqüência direta da disponibilidade fácil de bens culturais através de meios tecnológicos.

Mas há momentos em que a profissionalização da formação em artes obtida em faculdades e universidades, combinada com a captura e *branding* de iniciativas lideradas ou gerenciadas por artistas – aqueles que residiam fora do âmbito das instituições artísticas – podem ampliar a rede social e o vocabulário de ação. Sabemos que, em uma economia pós-industrial, praticamente todo o trabalho cai de certa forma sob o reinado da linguagem e do comportamento simbólico. Com certeza, todos os produtos culturais são achatados em “informação”, misturando junto pesquisa, redação, entretenimento e, claro, arte. A recepção popular da arte e seu público amplamente expandido permitiram, no momento presente, uma visibilidade mútua entre artistas e outros grupos subempregados, tanto formados quanto subformados. Ou, talvez, mais diretamente, à procura de uma série de textos mestres, o recém-profissionalizado discurso da produção artística acomodou-se nas teorias continentais do capital estetizado. Como explicar a posição peculiar de artistas na ou perto da vanguarda da organização capitalista? Assim, mesmo que a tendência seja para a profissionalização e aburguesamento dos artistas, juntamente com outros membros do setor simbólico, quando o futuro bate numa parede de tijolos, essas idéias e alianças em potencial podem ter conseqüências revolucionárias. Os artistas e grupos liderados por artistas, e outros grupos pertencentes à demografia da classe criativa – que muitas vezes se sobrepõem ao grupo dos que se identificam como ativistas de base, quer tenham frequentado ou não escolas de arte – estiveram no centro da instituição, da criação de estratégias e da energização do Occupy Wall Street no Zuccotti Park de Nova York – rebatizado Liberty Park.”¹⁵

¹⁴ Mantivemos tradução literal do termo utilizado pela autora, a expressão “de cor”. (nota das tradutoras)

¹⁵ A Occupy Wall Street foi posta em movimento por uma série de eventos que eu posso apenas parcialmente esboçar aqui. A ocupação havia sido renunciada um par de meses antes por Bloombergville – nome inspirado no prefeito de Nova York – que foi um acampamento de três semanas de líderes sindicais e ativistas de base realizado no City Hall Park contra cortes orçamentais draconianos. (Outro precedente importante: a longa semana ocupação do Wisconsin State House, em Madison, apoiado pelos sindicatos, incluindo sindicatos de polícia). Um artigo especulando sobre a possibilidade de emular a Praça Tahrir pelo anarquista e antropólogo David Graeber foi publicado na Adbusters, uma revista de inspiração situacionista e de alto brilho canadense. Em seguida, a Adbusters fez uma chamada geral para a ocupação de Wall Street em 17 de setembro. As discussões sobre a possibilidade de construir um movimento haviam sido realizadas durante o verão no 16Beaver, um espaço discursivo mantido por artistas na área de Wall Street. Uma reunião *ad hoc* em 16Beaver depois de um seminário pesado sobre Dívida /Commons com ativistas e acadêmicos em que Graeber discutiu seu trabalho sobre a dívida (*Debt: The First 5,000 Years*, New York, Melville House, 2011) foi o impulso final para a ocupação centrada em uma Assembléia Geral. O grupo Bloombergville reuniu a ocupação de 17 de setembro mas Graeber, juntamente com o japonês anarquista ativista Sabu Kohso e a artista anarquista e ativista Georgia Sagri a quem ele havia encontrado no seminário 16Beaver organizaram em seguida a Assembléia Geral em linhas anarquistas. Em outubro de 2011, a Adbusters ofereceu um aconselhamento tático que era mais ativista do que ativista nos moldes da velha escola, mas ainda assim parecia familiar aos protestos contra a OMC em Seattle, ou até mesmo os dias de Yippie no final dos anos 1960 e até as performances dadaístas de antes da guerra: “Chegou o momento de amplificar o teatro do limite ... brincadeiras desviantes, performances subversivas e desvios lúdico de todos os

Um modo de vida que se baseia na virtude e boa vida secular, tal como foi vendido a uma geração que cresceu formada por campanhas de escola e de mídia que promoviam responsabilidade cívica e moral – tais como “Diga não às drogas”¹⁶, “Fumar mata”, e “Salve a Terra” – é, sem dúvida alguma, mais propensa a ser adotado por jovens graduados em escolas de arte urbanas do que qualquer outro grupo demográfico. Estes são jovens profissionais urbanos talvez, mas não são os “yuppies” do passado (embora me interesse verificar que talvez o termo tenha retornado). Esses últimos eram advogados, publicitários e editores de revistas com alta renda, enquanto esses novos jovens profissionais urbanos são trabalhadores de baixo nível de especialização e aspirantes em seu campo de atuação. A vida urbana tem forte apelo para os membros dessas indústrias que, por sua vez, são constituídas por redes de lojas de pequeno porte que se beneficiam das relações face-a-face e das excitações do ambiente urbano.

2. A nova cidade criativa

Essa onda de preferência renovada pela cidade pode ser atribuída ao *boom* econômico do pós-guerra nas democracias do oeste industrial – estou olhando para os Estados Unidos –, o que levou à afluência crescente da classe média. Imediatamente após a guerra, após terem ganho alguma segurança financeira, muitos moradores das cidades migraram para as pequenas cidades e subúrbios recém-construídos, fato que causou certo encolhimento urbano.¹⁷

Um efeito desse despovoamento foi a evacuação de muitos centros de negócios e a falência de muitas indústrias da cidade. Mas a direção da migração começou a ser revertida quando crianças entediadas da classe média suburbana (juntamente com os gerentes de empresas e os *yuppies* recém-formados) foram atraídas pelos prazeres organizados da vida da cidade, não apenas pelos museus e teatros, como também pela vertiginosa mistura de anonimato, comunidade, diversidade e possibilidade que preenchem o imaginário urbano. Para ser direta, a experiência brutalmente homogênea de vida nos subúrbios, com seus shoppings idênticos e redes de *fast food*, não oferece muito daquele potencial “modo de ser criativo” na formação de identidade; e, se a ideia de local

tipos. Abra sua imaginação insurrecional. Qualquer coisa, de uma transformação de baixo para cima da economia global até a mudança na maneira como nós comemos, nos locomovemos, vivemos, amamos e nos comunicamos ... pode ser a faísca que sustenta uma revolução global da vida cotidiana!" O Departamento de Estudos da Performance da Universidade de Nova York logo depois começou a apresentar uma série semanal de palestras e workshops com foco na mudança social através de "táticas e estratégias criativas."

¹⁶ Drogas, isto é, não consideradas como parte do formulário aprovado pela Big Pharma. Isso é importante porque, entre outras coisas, permitiu que os adolescentes fizessem distinções entre boas e más drogas, mas muitas vezes com base em outros critérios de legalidade.

¹⁷ Considerando que o racismo foi um importante motivador, o encolhimento urbano resultante é algumas vezes atribuído não em pouca proporção ao “movimento branco”. Pequenas cidades se tornam cidades-dormitório para trabalhadores dos centros. A cidade de pequeno porte se tornou a preferência de moradores dos Estados Unidos por conta da sua história e foi idealizada durante o segundo ponto alto da sociologia americana que foi difundida na Segunda Guerra Mundial.

existe hoje, ele se verifica tanto na cidade quanto em pequenas cidades rurais, mas não em subúrbios cercados.

Esse repovoamento e transformação das cidades – de espaços carentes de lojas e fábricas, carentes de recursos, e habitados por pessoas pobres e da classe trabalhadora ou ocupantes que vivem num espaço de desejo da classe média, de compras e entretenimento de alto nível – levou pelo menos uma geração. Isso também depende do esforço conjunto de líderes da cidade. Os bairros Soho e East Village em Nova York já haviam provado, no final da década de 70, que a transformação de antigos armazéns e áreas decadentes em bens imobiliários valiosos poderia ser realizada ao permitir que artistas pudessem viver e trabalhar neles – mais que nada, o governo da cidade reconhecia e identificava essas pessoas que fariam uso, entendendo suas necessidades. Os representantes eleitos que, em épocas anteriores, poderiam ter apoiado o trabalho organizado, descobriram que tais círculos eleitorais estavam desaparecendo. Artistas, além disso, não iriam se organizar e tornar a vida difícil para os governos municipais. Nas décadas seguintes, o modelo Soho tornou-se paradigmático para cidades no mundo inteiro. (Outra tática popular era atrair pequenas novas lojas industriais, principalmente aquelas de alta tecnologia.) Mas não importa o quanto as artes (artes cênicas ou artes visuais institucionalizados em museus) foram consideradas motor econômico em algumas cidades, tal recurso não é aplicável em qualquer lugar, e nem toda cidade pode de fato funcionar como um ímã para as artes. Uma nova teoria urbana se fazia necessária¹⁸.

A utilidade cívica de jovens educados, mas muitas vezes economicamente marginalizados foi popularizada por um jovem professor de planejamento urbano na Universidade de Carnegie-Mellon University, na cidade pós-industrial de Pittsburgh. O que o professor Richard Florida viu à sua volta naquela cidade em declínio foram bairros tornados aconchegantes e atraentes graças aos esforços de jovens recém-formados que montavam lojas de café e pequenas empresas em locais de aluguel barato. O ambiente de consumo amigável criado – amigável para os clientes de classe média – enfatizava gostos compartilhados desde meados da década de 1960 através de escolas, músicas, filmes e revistas – gostos que definem um determinado nicho entre acadêmicos formados e profissionais da classe média. Aquilo mostrava que elementos do que poderia, ironicamente, ser visto como virtude suburbana, da reciclagem à jardinagem passando pelo artesanato (talvez resgatados da sabedoria de uma pequena cidade paradisíaca por revistas de estilos de vida nostálgicos), estavam sendo trazidos de volta aos bairros decadentes da cidade.

O professor Florida desenvolveu uma nova teoria baseada em vender esses amontoados de jovens geralmente subempregados – assim como categorias subculturais como gays, que tendem eles também a se reunir no que se costumava chamar de vizinhança boêmia – para planejadores urbanos como se fossem o remédio certo para o desuso urbano (ou *aparentemente* vendê-los, pois

¹⁸ Ainda que a demonização da classe trabalhadora e dos trabalhadores pobres em áreas “caindo de maduras” para a “colheita” da propriedade privada seja uma prática já antiga, a chegada de “gente boa” nesses territórios apenas recentemente constituiu um perfil por si mesma; anteriormente, privilégios de classe eram tomados como um direito de posse merecido.

há aqui uma tática que funciona como uma isca). Criando uma forma nova e cativante de pensar o marketing da cidade como um marketing do estilo de vida – assim como o fizera anteriormente Theodore Levitt para o marketing de marca – e oferecendo uma tábua de salvação para gestores municipais muitas vezes desesperados¹⁹, seu livro *A Ascensão da Classe Criativa... e seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano* ofereceu ao evangelismo dos negócios o esboço de uma virada astuta. Com suas análises aparentemente sistemáticas, Florida transformou a popularidade do seu livro num novo emprego e numa carreira de consultor. Ele é agora o chefe do Instituto Prosperidade Martin da Universidade de Toronto e é consultor para cidades, empresas, museus e organizações sem fins lucrativos ao redor do mundo. Prosperidade, assim como o adorável nome de Florida, é uma palavra-chave. Seu site, *creativeclass.com*, diz,

O Grupo Creative Class é uma boutique empresa de consultoria de serviços composta pelos principais pesquisadores, especialistas em comunicação e consultores empresariais. CCG alia uma abordagem pioneira de pensamento global de liderança com estratégias comprovadas, oferecendo assim a clientes em todo o mundo a inteligência crítica de mercado para a competitividade e maior prosperidade econômica.

Fiz referência à tese de "classe criativa" de Florida em uma série de artigos anteriores; aqui eu ofereço um resumo abreviado para elaborar a argumentação. Existe certa ironia em revisitar este assunto agora quando a crise financeira de longo prazo lança alguma dúvida sobre o apelo da teorização da criação de classe nas áreas sob pressão financeira, mas a tese teve uma década inteira para vingar, e ela teve garra.²⁰ As análises de Florida têm sucesso com gestores municipais na medida em que parecem promover a diversidade em formas que, muitas vezes, reproduzem o que já está em vigor. Muitos dos que examinaram seus dados demonstraram a insuficiência das suas análises e, portanto, de suas conclusões.²¹ Críticos apontam que, ao confiar em categorias do censo padrão, ele varre para dentro da classe criativa todos os trabalhadores da indústria do conhecimento, desde os dos *call-centers* até os analistas de sistemas profissionais, cientistas e matemáticos – mas, raramente artistas.²² Um consenso sobre suas conclusões é que elas se referem à bem-estabelecida

¹⁹ Florida não criou a idéia de “classe criativa”, mas ele tornou isso popular através de categorias estatísticas. De acordo com sua tese, a classe criativa constitui cerca de 30% dos trabalhadores norte-americanos mas, como veremos, os agrupamentos que ele usa são problemáticos.

²⁰ Toronto, a base de Florida, é atualmente afetada pelo maior aumento do número de protestos contra receber prisioneiros, um estilo populista de direita, que se junta aos pronunciamentos e ações racistas e anti-gay. Repudiando o programa do governo anterior, a Ford cortou o financiamento para ciclovias e metrô. Ao serem perguntados sobre a resposta de Florida, moradores de Toronto com os quais conversei disseram que a cidade estava eliminando todas as coisas que faziam dela a “sua cidade”

²¹ Recentemente Florida tem sido criticado novamente pela interpretação superficial e agregação de dados de pesquisa e estatísticas econômicas em seu artigo "Por que a América continua se tornando mais conservadora", publicado na venerável revista *The Atlantic* (atualmente de centro-direita), da qual ele é um dos 19 editores. Veja <http://www.theatlanticcities.com/politics/2012/02/why-america-keeps-getting-more-conservative/1162/>. Muitos dos outros comentaristas lêem os dados quase da maneira oposta, e clamam que o eleitorado dos Estados Unidos está, por outro lado, crescendo em suas crenças, sem parar, no sentido do liberalismo enquanto que a política dos Estados Unidos, graças à radicalização do Partido Republicano, moveu-se para a direita. Veja por exemplo <http://bit.ly/1al97NX>

²² Florida engenhosamente inclui em seu mix um grupo estatisticamente pequeno de boêmios que inclui os gays mas, como o economista de Harvard, Edward Glaeser relutantemente observou, sua regressão de dados sugere que, em apenas duas cidades, localizadas no estado da Flórida, a população gay de fato ajuda na economia.

tese do "capital humano" de um desenvolvimento urbano colocado dentro de novos quadros lingüísticos, e mais importante, com a etiqueta "criativa" que vem nomeando “de lavada” todos que trabalham nas indústrias do conhecimento. Um grupo pequeno e relativamente pobre de habitantes urbanos – aqueles que oferecem ao consumidor simpatia e cor local – torna-se a face de um grupo maior e mais rico de membros basicamente invisíveis do "núcleo supercriativo" de Florida.²³ Em seu “jogo de conchas”, trabalhadores criativos são definidos numa concha como pessoas cujo engajamento mental está no coração do seu trabalho e em outra concha como pessoas que sabem viver com estilo, bem e barato, e sob ainda outra concha como pessoas essencialmente com altos salários e impostos a pagar. Como inconveniente – visto que a política segue as prescrições –, a classe trabalhadora é marginalizada, empurrada ainda mais para as bordas da cidade ou para os subúrbios, enquanto nos recintos recém-conquistados da cidade, escolhas burguesas – de rituais egocêntricos, mercantilizados e mediatizados – embalam cada momento marcante da vida, desde o nascimento até o noivado e as festas de despedida, casamentos, chás de bebê, nascimentos, comunhões, e talvez até mesmo falecimentos.

3. Os limites da criatividade e do liberalismo

Muitos críticos ingenuamente não conseguem perceber que Florida, assim como Clark Kerr, é um liberal social. Como a maioria dos neoliberais, ele está lá fora nas barricadas retóricas defendendo a tolerância, subsídios, bem como o direito da classe criativa de realizar o trabalho da classe patrícia em troca de pouca ou nenhuma compensação. Estranhamente, ele pode então ser tido como a projeção coletiva de certo ramo da elite liberal. Liberais gostam de celebrar artistas, ou, melhor ainda, "criativos" – aquele grupo amorfo de cervejeiros, padeiros, agricultores urbanos e donos de bar – contanto que suas festas e celebrações possam ser patrocinadas por bancos, empresas e fundações se que seus esforços possam ser civicamente “logomarcados”. Institutos de arquitetura realizam reuniões e publicam boletins publicizando cidades "habitáveis". Instituições de artes se beneficiam da atenção de órgãos governamentais e de fundações, mas também é importante considerar os custos.

²³ Para subordinar a criatividade para fins econômicos, você precisa subordiná-la em todas as suas formas. Você não pode apenas gerar uma economia tecnológica ou economia da informação ou uma economia do conhecimento; você deve subordinar os aspectos multidimensionais da criatividade. ... existem três tipos de criatividade: criatividade tecnológica...; criatividade econômica, ... transformar essas duas coisas em novos negócios e novas indústrias; e criatividade cultural e artística, ... novas formas de pensar sobre as coisas, novas formas de arte, novos designers, novas fotografias, novos conceitos. Essas três coisas tem que vir juntas para acelerar o crescimento econômico. A classe criativa é composta de duas dimensões. Existe o núcleo dos supercriativos, ... cientistas, engenheiros, técnicos, atores, artistas, músicos – os tão chamados boêmios que constituem cerca de 12 por cento da força de trabalho... o núcleo supercriativo é realmente a força motriz que leva ao crescimento econômico. Eu incluo aí profissionais que trabalham com criação e gerentes, advogados, pessoas da área financeira, área de saúde, técnicos, que também usam suas próprias ideias, seu conhecimento e criatividade em seu trabalho. Eu não incluo nessa classe pessoas que trabalham em serviços ou indústrias de manufatura que usam criatividade em seu trabalho.

Artistas já cúmplices (intencionalmente ou não) da renegociação do significado urbano para as elites foram chamados a participar da gestão social. Concessões imobiliárias têm sido estendidas a artistas e a pequenas entidades sem fins lucrativos, na esperança de melhorar a atratividade dos bairros emergentes e trazê-los de volta para níveis altos de aluguel. O destaque da arte e da "artisticidade" confere a museus e grupos de arquitetura, assim como a grupos de artistas, artistas e administradores de organizações artísticas de pequeno porte e sem fins lucrativos a possibilidade de se inserir na conversa sobre modismo cívico.

Difícilmente os artistas são inconscientes de seu posicionamento por elites urbanas, desde os interesses municipais e de propriedade imobiliária até os colecionadores de ponta e curadores de museus. Ironicamente, talvez, este também é o momento em que o engajamento social por parte dos artistas é uma modalidade cada vez mais viável no mundo da arte, e jovens curadores se especializam em projetos de prática social. Muitos artistas estudaram na esperança de ganhar comerciabilidade e, muitas vezes, assim, adquirem pesados encargos de dívida. Escolas tornaram-se gradualmente gestoras e formadoras de desenvolvimento artístico; por um lado, elas preparam artistas para entrar no mercado de arte, e, por outro, por meio de departamentos de "prática pública" e "prática social", elas moldam as restrições disciplinares de uma arte que pode ser considerada como um aparato governamental menor. Estes programas são seminários seculares de "novas formas de ativismo, de práticas de base comunitária, de organização alternativa e liderança participativa nas artes" que exploram "a miríade de links entre arte e sociedade para examinar as maneiras pelas quais os artistas... se envolvem com questões cívicas e articulam sua voz na esfera pública".²⁴

Se voltarmos a olhar novamente para os Estados Unidos – mas não somente lá – veremos que as instituições de artes e arquitetura estão bastante satisfeitas de estarem sendo arrastadas pela maré da classe criativa de planejamento urbano. O luxuoso fabricante de veículos BMW da velha economia da distinção se juntou ao Museu Guggenheim para criar "um laboratório móvel que viaja pelo mundo para inspirar ideias inovadoras para a vida urbana" com os nomes de artistas e arquitetos de alto perfil nele colados.²⁵ O "Lab" amarra firmemente a corporação, o museu, arquitetura, arte e entretenimento ao aburguesamento das cidades. Cidadania urbana substituiu outras formas de halo de polimento para os chamados cidadãos corporativos. A propósito, todos eles

²⁴ Essas frases são de um anúncio de trabalho difundido pelo departamento de uma grande universidade que oferece "um grau de mestre em Arte-Política que trata de elaborar, em uma chave ativista, o nexo entre a política que a arte faz e a política que faz a arte." Para além do meu ceticismo, eu não quero desacreditar o potencial de tal formação e participação em uma rede; o problema recai na vida curta que tais iniciativas podem ter antes das instituições as transformarem em zumbis. Veja as duas últimas partes dos meus artigos da Classe Cultural para uma discussão do argumento de culturalização de Fredric Jameson e sua adoção de George Yúdice para debater que a arte que pode ser enquadrado como prática social pode colocar os artistas na posição de involuntariamente servir os objetivos do Estado e, concentrando-se em melhoramento, de abandonar a possibilidade da crítica.

²⁵ No site The BMW Guggenheim Lab (<http://www.bmwguggenheimlab.org>), há o um esforço realizado, sem sucesso, por artistas para ocupar o laboratório ao longo de um dia de ação dos artistas.

gostam de bicicletas. Assim como o “Urban Omnibus”, que também gosta de "arte como ativador urbano".

O “Urban Omnibus” é um projeto *online* da venerável *Architectural League* de Nova York e é financiado por fundações, pela cidade de Nova York e pelo Governo Federal.²⁶ Seu recurso recente – "Ação Cívica: Uma Visão para Long Island City" – descreve um novo empreendimento desenvolvido por dois museus locais de arte contemporânea que "convida equipes lideradas por artistas a propor visões para o futuro da cidade de Long Island", uma localidade no bairro de Queens em Nova York que é uma ruína pós-industrial com novo desenvolvimento residencial de alto nível em seu *waterfront*. Outro recurso – "Abrindo Espaços" – é "um projeto de pesquisa, design e advocacia para moldar o parque residencial de Nova York para atender às necessidades de mudança da forma como vivemos hoje"²⁷. Enquanto escrevo, em março de 2012, há uma atração especial no projeto em que um escritor freelance descreve a festa de abertura da recém-renovada Casa de Detenção do Brooklyn como um evento destinado a garantir a vizinhos gentrificadores de que tudo ficará bem. Estou aqui usando o “Lab” e o “Urban Omnibus” para representar a miríade de esforços de órgãos municipais e instituições de elite – e algumas instituições autônomas ou ligadas a universidades públicas que ainda seguem um caminho não corporativo – para adotar uma criatividade praticamente naturalizadas e memes “*hipster-friendly*” em termos de design, imaginação, advocacia assim como, em alguns aspectos, eu estou usando o nome de Florida para representar a tese da classe criativa que o seu trabalho tem ajudado a transformar em jargão político dominante.

A versão que Florida concebeu do modelo de transformação urbana do Soho, como já afirmei, não consegue captar o agenciamento dos atores em seus cenários de transformação. Assim como a ciência foi tida pela mente capitalista como um degrau necessário para a tecnologia (um termo de negócio), a criatividade é considerada como o ingrediente necessário de "inovação". As classes criativas tal como concebidas por Florida operam estritamente dentro da visão de mundo retratada pelo imaginário capitalista. Mesmo aqueles que não são simplesmente empregados em companhias de alta tecnologia são vistos como instituindo pequenos negócios e aprendendo a oferecer serviços de boutique retrô começos de lojas e delicatessen de bairros americanos de antes da guerra ou serviços de fornecedores do século 19 (em breve teremos novamente a carroça de leite e o entregador de água com gás) ou lojas idealizadas, francesas ou italianas, em cidades e vilas. Eles não têm nenhum agenciamento para além da aplicação de suas habilidades criativas em benefício

²⁶ O projeto “Urban Omnibus” (<http://urbanomnibus.net>) é financiado pelo Fundo de Inovação Cultural da Fundação Rockefeller da Prefeitura de Nova Iorque, pelo Fundo Nacional de Dotação para as Artes, pelo Departamento de Projetos Culturais de Nova Iorque, e pelo Conselho da Cidade de Nova Iorque. A Liga de Arquitetura foi fundada em 1881 por Cass Gilbert e há muito tempo procura reconhecer a importância das artes em relação à arquitetura.

²⁷ A frase “como nós vivemos agora” evidencia um conjunto previsível de afirmações previsíveis quem constitui esse “nós”. Como escrevi em março de 2012, existe uma atração especial nesse local que é descrita pelo escritor free lance como uma Open House na recentemente renovada Casa de Detenção do Brooklyn, designada a apaziguar os gentrificadores da vizinhança, certificando-os de que tudo estará bem.

dos gentrificadores e dos bem feitos. Eles não têm nenhum agenciamento no que diz respeito à transformação política e social em grande escala. É verdade que o modelo de Florida não está estritamente interessado naqueles cuja leitura contemporânea reconhece como artistas. Mas aqui o quadro de agenciamento é ainda pior se comparado ao dos artistas de mercado cujo potencial social vale, bastante diretamente, para servir os interesses da clientela internacional que habita os níveis de renda mais altos – um papel de serviço ao qual uma ou duas gerações de artistas foram treinadas para ambicionar.

Mas esta não é a imagem de nós mesmos que a maioria de nós – artistas, curadores e críticos – gostaria de reconhecer. Como outros participantes dos movimentos que ocorrem no mundo inteiro, e como participantes dos anteriores, os artistas tendem a querer emprestar a sua energia e as suas habilidades para a melhoria social e para o sonho utópico, mas não necessariamente como participantes dentro dos sancionados quadros institucionalizados. A imaginação artística continua a sonhar com a ação histórica. Em um contexto de recessão econômica prolongado como o que estamos vivendo agora, enquanto a tese de classe criativa mostra seus limites no que diz respeito à salvação de cidades, torna-se mais claro que artistas e outros membros da comunidade artística pertencem à classe pan nacional ou não nacional cuja composição é forjada através de fronteiras e cujos membros estão inclinados, como exige o clichê, a pensar globalmente e agir localmente.

Movimentos políticos são perpetuamente perseguidos por acusações de nostalgia dos anos 60 e até mesmo de ludismo, acusações que resultam do antimodernismo da contracultura daquela década. Pessoas de esquerda são rotineiramente ridicularizadas pela Direita como *hippies* sujos de merda e, quando as ocupações começaram, a Direita não demorou a usar esta imagem para desacreditar os ocupantes. Mas as constelações de dissidência mudaram muito desde os anos 1960. Se as pessoas têm por objetivo romper com a modernidade, elas o fazem com uma gama variada de teóricos continentais a quem recorrer, e isso sem o modelo terceiro-mundista da contestação política em que o camponês ligado à terra – ou o nômade tribal para aqueles que não têm simpatia pela revolução socialista – representou fortemente um ideal. A revolução hoje tem ares mais anarco-sindicalistas ou eventualmente ares de conselho comunista do que marxista-leninista. A cidade não é simplesmente o terreno a ser evacuado, nem é o local de uma guerrilha *warfare*; ela é um quebra-cabeça conceitual e também um campo de batalha em que as apostas são uma guerra de classes em câmera lenta; e a agricultura é trazida para a cidade não por sonhadores em roupas caseiras, mas por aqueles que poderiam adotar o traje do arquiteto paisagista profissional ou do apicultor. "Criativos" podem trazer não apenas uma formação em design e branding e, muitas vezes, um conhecimento de agitprop histórico e performance de rua, como também a capacidade de trabalhar com as ferramentas tecnológicas de pesquisa, de elaboração de estratégias e de implementação de ações em espaços virtuais ou físicos. A classe média – verdadeira ou funcionalmente – está à vontade com os discursos e os modos de esforço intelectual tais como são exigidos no ensino superior ou na

preparação para a faculdade. Artesanato e habilidades se encontram envoltos em uma estrutura que difere significativamente do seu entendimento anterior, mas o papel hegemônico das indústrias do conhecimento e os "dispositivos" eletrônicos de produção e de comunicação tornam esse quadro quase onipresente.²⁸ Os horários muitas vezes flexíveis de artistas e de outros membros dos setores precários das classes criativas/boêmias de Florida também permitem uma liberdade de ir e vir em acampamentos e reuniões: uma capacidade de alterar tempo e compromissos de trabalho que não é possível para todos.

Podemos ver os ativistas de ocupação reclamando um direito, criando uma presença, estabelecendo uma nova esfera pública, recusando-se a apresentar simplesmente demandas aos representantes e governantes e, exigindo o restabelecimento da política e decretando eles mesmos a democracia (a democracia tem sido parte da marca privada norte-americana, embora seja geralmente combinada com o neoliberalismo ou neoimperialismo). Ao mesmo tempo em que dou boas vindas ao novo, não posso deixar de apontar o velho: não para as demandas de auto-governo por parte de um grupo de rebeldes burgueses coloniais nas colônias americanas do século XVIII, e sim para o Movimento dos Direitos Civis Americanos e um de seus filhos, o movimento estudantil mundial de inspiração *Free Speech* e anti-guerra da década de 1960 para quem a democracia – democracia direta, sem representação – era uma ideia fundamental, pelo menos no momento zero do movimento no início daqueles anos.²⁹ Na iteração atual, a contribuição de artistas famosos como

²⁸ O sinal mais proeminente de sofisticação tecnológica é a referência visual frequente de Anonymous, um grupo amorfo de hackers, ou hackivistas (dos quais um pequeno grupo foi detido em Fevereiro de 2012, chamado LulzSec), que usam máscaras como as de Guy Fawkes com o “V” da franquia *Vendetta* (usado por manifestantes e ocupantes como um sinal comum). “Anonymous” aparentemente conduziu uma série de negação de serviços contra os websites dos governos da Tunísia, Egito, e Bahrain durante as revoluções em curso nesses lugares, e isso expressou ou criou apoio para o Occupy. Veja <http://bit.ly/178TPjb>.

Eu não tenho espaço aqui para dissecar ainda mais o possível papel desse pontualmente anárquico e de certo modo festivo agrupamento de hackers. Mas, de maneira prosaica, uma gama de facilidades tecnológicas é sugerida pela facilidade com que o movimento Occupy fez uso não apenas das redes sociais amplamente conhecidas como Facebook e Twitter mas também de outros sites menos conhecidos como Vibe, o antigo IRC, o agora indispensável Livestream, Reddit, ou sites de reprodução de chat, de acordo com a revista PC assim como Tumblr e Goodle docs. Veja por exemplo <http://mappingthemovement.tumblr.com>.

Uma avaliação anterior: “Nós criamos google docs compartilhados para que possamos nos comunicar... E nós criamos “google voice numbers” para todos... Uma página Tumblr, “Nós somos 99 por cento” (<http://wearethe99percent.tumblr.com>), ... revela um momento ruim para as pessoas, que se veem a si mesmas longe do topo do um por cento dos Americanos.” <http://news.discovery.com/tech/occupy-wall-street-tumblr-111006.htm>

²⁹ Aqui eu estou olhando não apenas para as reuniões na cidade nos primeiros anos das colônias americanas e sim, explicitamente, ao modelo de democracia participativa não violenta que foi apresentado por um dos grupos centrais do Movimento de Direitos Civis, o Comitê de Coordenação de Estudantes de Não-violentos, ou SNCC. Muitos dos jovens estudantes ativistas que se uniram à campanha da SNCC “Freedom Rider” o fizeram para barrar a segregação racial no Sul Americano, fato que influenciou os princípios que foram delineados logo após o posicionamento de Port Huron, um documento inicial do movimento estudantil e anti-guerra. Evidentemente, a história, as origens e as influências desses movimentos são muito mais complexas do que eu consigo rascunhar aqui. O amplamente conhecido discurso galvanizante do líder estudantil de Berkeley Mario Savio liberado no campus de Berkeley em 2 de Dezembro de 1964, durante um impasse com a polícia universitária, inclui o seguinte preâmbulo: Eu peço a você que considere – se isto é uma firma, e se o Grupo de Regentes é o Grupo de Diretores, e se o Presidente Kerr de fato é o diretor-gerente, então direi algo a você – o corpo docente é um bando de empregadores e nós somos o material bruto! Mas nós somos um monte de material bruto que não queríamos ser –

Shepard Fairey (famoso por seu cartaz de Obama na campanha Hope de 2008) foram educadamente saudadas, mas estão por fora da questão, já que não é difícil ver as próprias ocupações como grandes obras de arte públicas em processo com um elenco de milhares de pessoas³⁰. A grande maioria dos artistas – que formam o núcleo mal pago, o exército urbano não remunerado cujas atividades os acólitos de Florida desejam explorar – vivem em um estado de precariedade que podem levá-los a buscar soluções sociais de maneiras novas e inesperadas. Aqui é o lugar onde o denominado “modo de produção artística” entra.

A socióloga urbana Sharon Zukin, escrevendo em 1982, identificou essa precariedade da vida boêmia como um dos cinco principais meios com que o modo de produção artística afeta o meio ambiente urbano. Os outros são: a "manipulação de formas urbanas [e] a transferência do espaço urbano do velho mundo da indústria para o mundo "novo" das finanças, ou do reino da atividade econômica produtiva para aquele da atividade econômica não produtiva; expectativas decrescentes sobre a oferta de habitação resultante da substituição dos arranjos de vida boêmios para a habitação contemporânea; e, finalmente, a função ideológica:

Enquanto o trabalhador “colarinho azul” se afasta do coração da cidade financeira, é criada a imagem que a economia da cidade chegou a um patamar pós-industrial. O mínimo que se pode dizer é que esse fato desloca as questões das relações de trabalho industriais para outro terreno³¹.

Se a tese da classe criativa pode ser vista como uma espécie de hino à harmonia percebida entre os "criativos" e os “financeiros”, juntamente com os líderes da cidade e interesses imobiliários, orientando a cidade em direção à condição pós-industrial, talvez as atuais ocupações de base possam ser vistas como a erupção de um novo conjunto de questões relacionado a um novo conjunto de relações sociais de produção. O modo de produção, lembremo-nos, inclui as forças de produção, mas também as suas relações, e quando estes dois entram em conflito, nasce uma crise. Se a tese de classe criativa pode ser vista como uma espécie de hino à harmonia entre as forças criativas de produção e as relações sociais urbanas que as utilizariam em benefício de cidades desprovidas de capital industrial, talvez as atuais ocupações de base possam ser vistas como a inevitável chegada do conflito entre os criativos e a cidade que os usa. É interessante, a este respeito, que o grito de guerra foi "ocupar" (que ecoa a injunção semelhante de Florida para gentrificar), isto é, para ocupar o espaço, para ocupar o imaginário social e político, de forma análoga à forma como movimentos anteriores radicalizaram liberdade e emancipação, república em democracia, igualdade em justiça. Enquanto Florida diz gentrificar, nós dizemos ocupar.

Isso nos leva ao próximo passo, já em curso. O que as ocupações têm feito é fazer com que

temos um processo se desenvolvendo em cima de nós. Não queremos ser transformados em produtos... Não queremos ser comprados por clientes de Universidades, sejam eles o governo, a indústria, o trabalho organizado, sejam eles quem forem! Nós somos seres humanos!

³⁰ Grupos de artistas estão cada vez mais atestando isso, por bem ou por mal; veja, por exemplo <http://newamericanpaintings.wordpress.com/2011/11/09/the-art-of-occupation> e <http://bit.ly/pe4WZA>

³¹ Sharon Zukin, *Lofi Living* (Vivendo num loft), p. 180.

os membros de diferentes grupos – grupos de advocacia dos bairros, grupos de direitos de imigrantes e grupos de trabalho da classe trabalhadora, organizados ou não – se tornassem visíveis uns aos outros, e a primeira fase do movimento Occupy consistiu em colocá-los em alianças temporárias. São essas alianças que formamos núcleos de ocupação do presente e do futuro.

Referências

Comrades from Cairo. To the Occupy movement – the occupiers of Tahrir Square are with you. theguardian. United Kingdon, 25 de outubro de 2011. Disponível: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2011/oct/25/occupy-movement-tahrir-square-cairo>>. Acesso: 08 de janeiro de 2014.

DREHER, Christopher. Be creative — or die. Salon, Junho 7, 2002. Disponível: <http://www.salon.com/2002/06/06/florida_22/>. Acesso: 02 de janeiro de 2014.

FLORIDA, Richard. A Ascensão da Classe Criativa: E como isto está transformando o Trabalho, o Lazer, a Comunidade, e a Vida Cotidiana. Nova Iorque: Basic Books, 2003.

FOXBUSINESS. Dimon: Polices Made Recovery Slower and Worse. Disponível: <http://video.foxbusiness.com/v/1450365871001/dimon-polices-made-recovery-slower-and-worse/?playlist_id=87247>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

GEORGE, Susan. Um golpe na União Europeia? CounterPunch, 14 de outubro, 2011. Disponível: <<http://www.counterpunch.org/2011/10/14/a-coup-in-the-european-union/>>. Acesso: 04 de janeiro de 2014.

GRIFFIN, Donal. Pandit Says He'd Be Happy to Talk With Wall Street Protesters. Bloomberg News. 12 de outubro de 2011. Disponível: <<http://www.businessweek.com/news/2011-10-12/pandit-says-he-d-be-happy-to-talk-with-wall-street-protesters.html>>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

HEBDIGE, Dick. Subculture: The Meaning of Style. London: Methuen, 1979..

LEVITT, Theodore. A Imaginação em Marketing. São Paulo: Atlas, 1985.

_____. a globalização dos mercados. The McKinsey Quarterly, 1984. Disponível: <<http://www.lapres.net/levit.pdf>>. Acesso: 08 de janeiro de 2014.

MARAZZI, Christian. The Violence of Financial Capital. Trans. Kristina Lebedeva e James Francis McGimsey. Los Angeles: Semiotexte, 2011.

ROSLER, Martha. Culture Class: Art, Creativity, Urbanism, Part I. e-fluz. Disponível: <<http://www.e-flux.com/journal/culture-class-art-creativity-urbanism-part-i/>>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

_____. Culture Class: Art, Creativity, Urbanism, Part II. e-fluz. Disponível: <<http://www.e-flux.com/journal/culture-class-art-creativity-urbanism-part-ii/>>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

_____. Culture Class: Art, Creativity, Urbanism, Part III. e-flux. Disponível: <<http://www.e-flux.com/journal/culture-class-art-creativity-urbanism-part-iii/>>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

_____. The Artistic Mode of Revolution: From Gentrification to Occupation. e-flux. Disponível: <<http://www.e-flux.com/journal/the-artistic-mode-of-revolution-from-gentrification-to-occupation/>>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

ROUBINI, Nouriel. The Instability of Inequality. EconoMonitor. 14 de outubro de 2011. Disponível: <<http://www.economonitor.com/nouriel/2011/10/14/from-project-syndicate-the-instability-of-inequality/>>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

_____. Full Analysis: The Instability of Inequality. EconoMonitor. 17 de outubro de 2011. Disponível: <http://www.economonitor.com/nouriel/2011/10/17/full-analysis-the-instability-of-inequality/>>. Acesso: 7 de janeiro de 2014.

SOHN, Tim. Field Trip: Brooklyn Detention Complex Housewarming. Urban Omnibus. Brooklyn, 16 de fevereiro de 2012. Disponível: <<http://urbanomnibus.net/2012/02/field-trip-brooklyn-detention-complex-housewarming/>>. Acesso: 01/janeiro de 2014.

Martha Rosler é uma artista americana. Nascida em 1943 em Nova York, ela trabalha com vídeo, foto-texto, instalação e performance, e escreve sobre arte e cultura. O trabalho de Rosler é centrado na vida cotidiana e na esfera pública, sempre de olho na experiência das mulheres. Uma de suas preocupações recorrentes são os meios de comunicação e a guerra, assim como arquitetura e ambiente construído, com ênfase nos problemas de habitação e de transporte.

Tradutoras:

Bárbara Szeniecki é graduada em Comunicação Visual pela École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs, mestre e doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica. Atualmente é co-editora das revistas Lugar Comum, Global/Brasil e Multitudes. No momento, desenvolve pesquisa de pós-doutorado intitulada “Tecnologias digitais e autenticidade: o estatuto da imagem fotográfica na linguagem visual contemporânea” na Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ. É autora do livro Estética da Multidão.

Cristina Ribas é artista visual e pesquisadora. Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos, pela UERJ (Rio de Janeiro, RJ – 2008) e Doutoranda em Arte no Goldsmiths College, University of London, com bolsa CAPES. Desenvolve a plataforma on line Desarquivo.org.